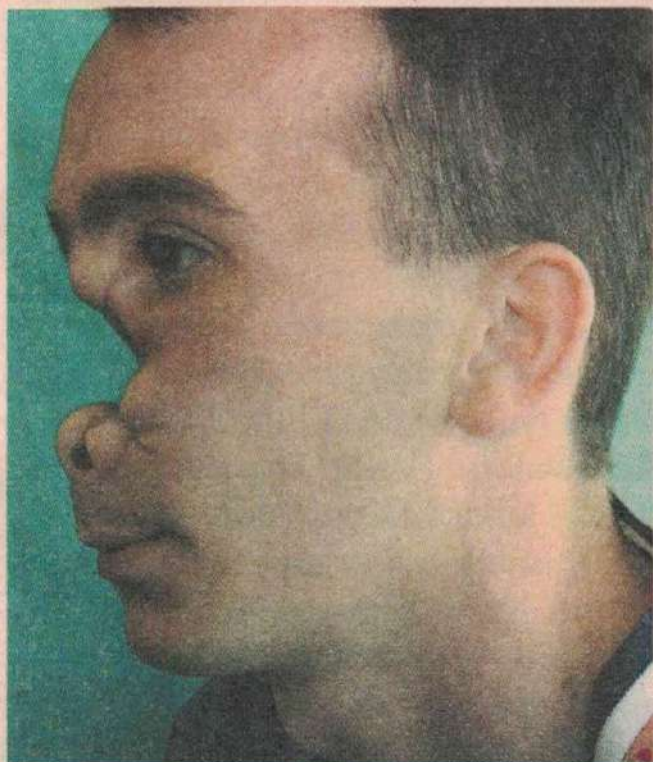


Quero meu rosto de novo

Era preciso dar esperança ao jovem desfigurado

Por JONATHAN MARGOLIS



Ferimento – Besim Kadriu foi considerado morto.

FOTO: © DR. DAVID VASSALLO

AQUELA quinta-feira chuvosa, 29 de abril de 1999, era para ter sido o último dia da curta vida de Besim Kadriu.

Pela manhã, no setor albanês da cidade de Mitrovica, em Kosovo, paramilitares sérvios atearam fogo à casa onde o estudante de economia de 21 anos morava com a mulher, Valbona, que estava grávida. Observando de longe aquele inferno, Besim tinha certeza de que Valbona havia escapado. Então seguiu a pé para a aldeia de Zaza, a poucos quilômetros de distância, com o pressentimento de que ela estaria com os dois irmãos que lá moravam.

Não estava, mas, quando ele chegou, um grande número de homens da milícia sérvia, armados e usando capuzes, fechava o cerco sobre Zaza. Besim e outros jovens tentaram fugir, mas foram alcançados. Um dos seus cunhados foi atingido mortalmente. Quatro homens se renderam e nunca mais foram vistos. Ele e o outro cunhado correram em direção à floresta. O cunhado levou um tiro na perna, mas continuou correndo e sobreviveu. Besim sentiu uma bala atingir-lhe o rosto, caiu ao chão e fingiu-se de morto.

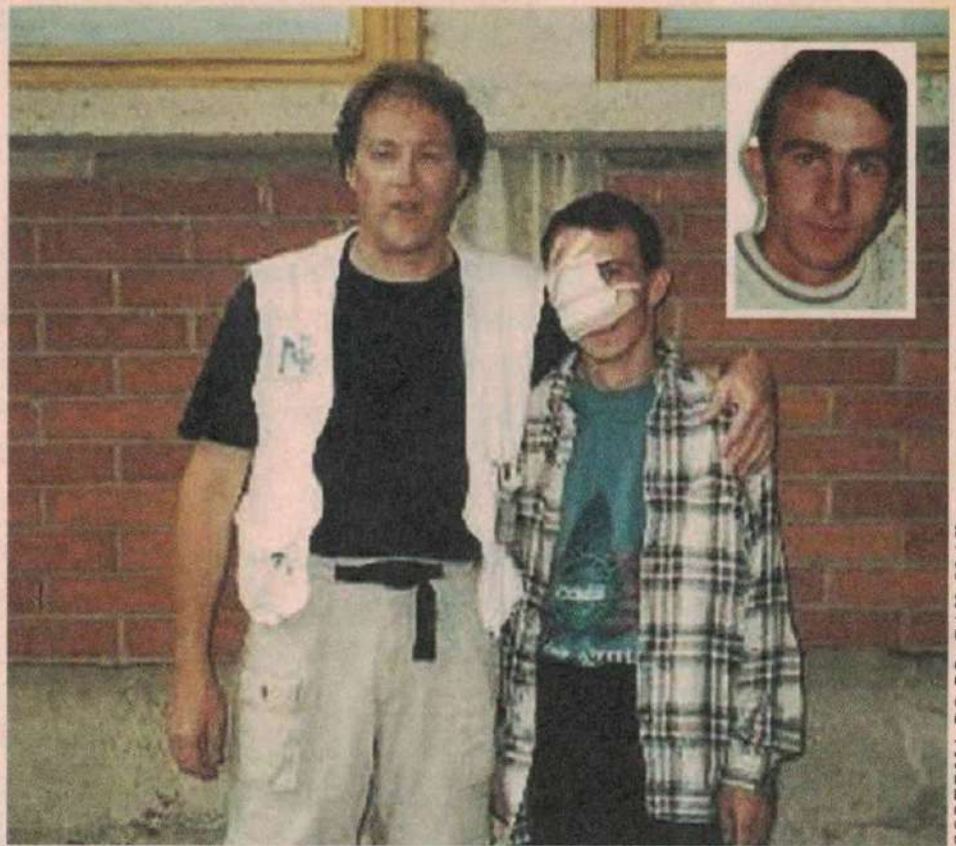
Talvez os sérvios tenham achado que estava mesmo morto, ou consideraram desnecessário desperdiçar mais munição com ele, pois grande parte do lado direito do rosto de Besim, incluindo quase todo o nariz e o

olho direito, havia sido arrancada pelo tiro. O que restou lembrava uma gárgula medieval depois de séculos de erosão.

AO ANOITECER, após a partida dos sérvios, Besim correu para a floresta e se escondeu. Embora sentisse o sangue escorrer pelo rosto, o ferimento não doía. Tocou a região destruída e, em estado de choque, achou que os ossos fossem dentes danificados.

Só se deu conta da gravidade da situação quando explorou com os dedos o interior da boca e percebeu que estava intacto.

Resoluto e pragmático, Besim determinou-se a não olhar seu reflexo nas poças de chuva, embora nelas precisasse beber durante as 48 horas que permaneceu na floresta. Para sua sobrevivência psicológica, essa foi provavelmente uma boa tática. Tão grotescos eram seus ferimentos que, quando enfim retornou a Zaza, não foi reconhecido. As pessoas se afastavam, horrorizadas, até ele mostrar uma foto que por acaso guardava no bolso traseiro do jeans — ele e Valbona no Natal de 1998, dias depois do casamento. Até hoje Be-



CORTESIA DO DR. DAN CLAY

Reconstrução – Seria possível para o Dr. Dan Clay dar a Besim o rosto que ele perdera?

sim guarda a foto na carteira, como um amuleto.

Ele reencontrou Valbona e sobreviveu durante três meses sob os cuidados de amigos e parentes — sem desinfetantes ou antibióticos, apenas trocando os curativos de gaze. Ainda evitava espelhos quando as tropas da KFOR, uma força internacional de paz, chegaram ao vilarejo.

Em junho de 1999, Dan Clay, médico americano especialista em pronto atendimento, ajudou a montar uma clínica na periferia de Mitrovica para o Corpo Médico Internacional, instituição filantrópica com sede em Los Angeles. Besim ouviu falar da clínica e foi consultar o Dr. Clay.

‘Eu jamais vira alguém sobreviver com um ferimento tão horripilante.’

CHOCADO com o ferimento, o médico reconheceu que o tratamento estava muito além de sua especialidade. “Quando vi Besim pela primeira vez, com um grande curativo sobre o ‘olho’, supus que veria uma abração corneana ou algo assim”, lembra o Dr. Clay. “Mas nada poderia ter me preparado para o que se escondia sob a gaze. Jamais vira alguém sobreviver com ferimento tão horripilante. Então o encaminhei ao hospital de Priština, mas eles o mandaram de volta com a recomendação de que fosse tratado no exterior. Infelizmente, os meios para que essa providência fosse tomada eram uma pista de obstáculos burocráticos e, de qualquer forma, estavam sobrecarregados.”

O Dr. Clay sabia que aquela recomendação condenava o jovem de 21 anos a uma vida de cruel desfiguração. “Eu também sabia que me tornara sua única esperança, pois não ia me conformar com aquela idéia inconcebível. Assim, comecei a ‘busca por um rosto’, falando com todos os oficiais médicos da KFOR e com todas as unidades hospitalares móveis do Exército que conseguia encontrar, na esperança de que alguém soubesse de um cirurgião plástico à procura de desafios ou se envolvesse emocionalmente tanto quanto eu no caso de Besim.”

Acabou encontrando no tenente-coronel David Vassallo um colega tão comprometido quanto ele. O Dr. Vassallo, cirurgião-geral maltense, havia ajudado a montar um hospital de campanha do Corpo Médico do Exército Real Britânico em Lipljan, nos arredores de Priština. Embora também soubesse que pouco poderia fazer por Besim, ele era um pregador da telemedicina militar, que utiliza a tecnologia digital no tratamento de ferimentos de guerra que estão além da área de atuação dos cirurgiões do Exército. Ansiava em provar que o sistema simples e de baixo custo que tinha desenvolvido com colegas do Reino Unido poderia funcionar para propósitos humanitários.

A telemedicina é uma variação do tradicional encaminhamento de casos difíceis a especialistas – a diferença é que o especialista não vê o paciente, e sim fotos e outros dados relevantes enviados por *e-mail*. Com uma câmera digital, um *laptop* e um celular por satélite manejados por um médico no campo de batalha, o especialista pode estar do outro lado do mundo e observar fotos de alta definição de um ferimento – sofrido talvez apenas alguns minutos antes.

Esse tipo de tecnologia de imagem já estava em uso pelos militares americanos, pioneiros da telemedicina com vídeo, por meio de máquinas ca-

As fotos de Kosovo foram enviadas por 'e-mail' para cirurgiões britânicos.

ríssimas operadas por uma equipe de especialistas. Entretanto, o equipamento e o *software* utilizados pelo Dr. Vassallo – algumas câmeras digitais cedidas pelo fabricante e um *laptop* emprestado – custavam apenas uns poucos milhares de dólares. Um celular por satélite comprado pelo Exército britânico e a conta do Dr. Vassallo na America Online completavam o pacote. “O princípio que norteava todo o processo era ‘Não complique’, a fim de garantir que o sistema pudesse ser facilmente utilizado pelos médicos”, explica ele.

O descomplicado sistema britânico funcionou. Minutos depois de Besim Kadriu entrar no hospital em Lipljan, acompanhado pelo Dr. Clay, o Dr. Vassallo estava fotografando o rosto destroçado do kosovar e enviando as fotos digitais por *e-mail* a colegas de sua base na Inglaterra. Também as enviou a Richard Loukota, cirurgião especializado em reconstrução maxilofacial, de Yorkshire, na Inglaterra. Para acrescentar certa pressão emocional, o Dr. Vassallo copiou a foto de Besim antes do tiroteio e a incluiu no *e-mail*.

O DR. LOUKOTA entusiasmou-se com o desafio de criar um rosto a partir de resquícios tão comprometidos. Mas pôde concluir, pelas fotos vindas do outro lado da Euro-98

pa, que a prolongada série de operações de que Besim necessitava ia exigir, além de um consultor de reconstrução maxilofacial, um cirurgião oftalmologista para criar algo semelhante a um olho direito, um otorrinolaringologista para reconstruir o nariz de Besim e um anestesista capaz de manter o paciente vivo durante as 12 horas ou mais que esses procedimentos durariam. Além disso, todos os profissionais deveriam estar dispostos a trabalhar num dia de folga, como voluntários.

As fotos vindas de Kosovo foram transmitidas e retransmitidas por *e-mail* a cirurgiões de toda a Grã-Bretanha. Depois do Dr. Loukota, o primeiro a se oferecer como voluntário foi Brian Leatherbarrow, cirurgião especializado em plástica oftálmica e cirurgia reconstrutora. Ele carregou as fotos vindas de Kosovo no computador de sua casa. “Era uma imagem de Besim de ótima qualidade”, conta ele. “Com exceção de uma ou outra foto recebida pelo correio, Besim foi o único paciente cuja deformidade pude ver com antecedência.”

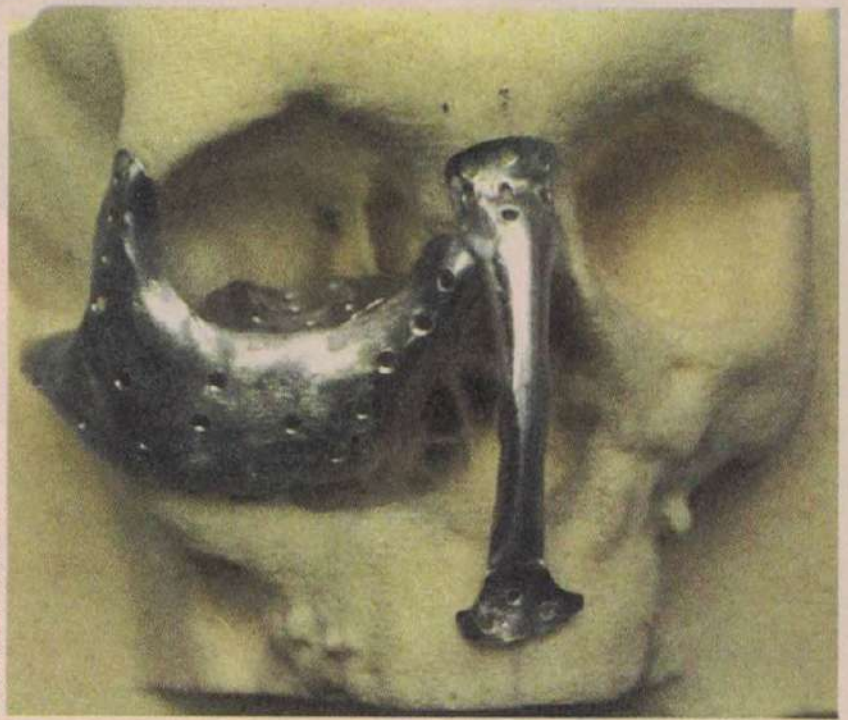
Pouco depois, o cirurgião maxilofacial Robert Woodwards juntou-se à equipe, assim como o consultor otorrinolaringologista Prad Murthy e o anestesista Harry Vallance.

Em agosto de 1999, o Ministério do Interior britânico concordou em levar

Besim e outros 49 kosovares feridos com gravidade para tratamento no Reino Unido. O governo arcaria com as despesas hospitalares e muitos dos pacientes seriam tratados pelo Dr. Richard Loukota. Besim chegou ao Reino Unido, num avião da Força Aérea Real Britânica, um mês depois.

A cirurgia de 15 horas de duração foi realizada em dezembro de 1999, no North Manchester General Hospital. Primeiro, o Dr. Leatherbarrow retirou os restos do olho danificado de Besim. Depois, reconstruiu a órbita ocular, usando tecido adiposo das nádegas de Besim, ao qual foram ligados os músculos oculares remanescentes. Isso formou uma plataforma móvel para um olho artificial, que se assemelhava a uma grande lente de contato. Em seguida, reconstituiu a pálpebra inferior direita, usando enxerto de cartilagem da orelha direita, e pele e tecido subcutâneo da testa do paciente.

Woodwards expôs as partes ósseas remanescentes da região atingida e aparafusou ali um conjunto de placas de titânio fabricadas segundo suas especificações por uma equipe do University College, de Londres. Tecidos moles e pele do rosto que faltavam foram substituídos por um enxerto do antebraço esquerdo de Besim, completo com a própria artéria, que o Dr. Woodward costurou na veia jugular e na artéria facial. O



© CORBIS/SYGMA

Um novo nariz – Placas de titânio foram presas ao que restava dos ossos do rosto de Besim.

vão resultante no braço foi preenchido com tecido muscular da virilha.

O Dr. Murthy, cirurgião otorrinolaringologista, levantou os vestígios de cartilagem e pele do nariz que estavam achatados contra o rosto. Um osso nasal de titânio foi instalado e um novo nariz construído em torno dele, a partir de um retalho do braço. Felizmente, os dutos e revestimentos nasais ainda estavam presentes, em forma residual. Não havia tecido muscular suficiente para devolver a Besim seu nariz original, que, assim, ficou menor.

A operação deixou Besim mais parecido com o que era antes, embora com um retalho pálido no rosto. O Dr. Woodward garante que, com o tempo, o tom da pele retirada do antebraço vai se igualar ao original do rosto.



O depois – Besim se recupera ao lado da mulher, da mãe e da filha.

Besim ganhou também uma filha, nascida uma semana depois da operação.

Fotos digitais de Besim Kadriu durante sua recuperação continuam a circular na Internet, mantendo os médicos que o acompanham informados sobre seu progresso.

Na Califórnia, o Dr. Dan Clay sentiu-se particularmente emocionado ao vê-las. “Ele está bonito”, co-

mentou. “Acho que sempre vou considerar aquelas fotos vindas de Manchester um dos momentos mais importantes de toda a minha carreira.”

Dizem que uma imagem vale mil palavras, mas, nesse caso, o valor foi muitíssimo maior. Ela provou valer um novo rosto – e uma nova vida – para um jovem que foi deixado como morto em um campo solitário em Kosovo.

SOLICITAÇÃO PERTINENTE

Cartaz visto no portão de uma casa em Curitiba: “Cachorro amigo, pedimos a gentileza de orientar seu dono a ensiná-lo a fazer essa sujeira em outro lugar que não seja a nossa porta.”

–RELINDA KOHLER, Curitiba (PR)

Poucas coisas mudam com tanta facilidade quanto o futuro.

—BERN WILLIAMS

Pérolas de sabedoria saem de nossa boca diariamente de forma impensada e mecânica. Bastaria que parássemos para nos ouvir e conser-taríamos nossa vida.

—ANNA SHARP, *Reflexões* (Editora Rocco)

Não leva mais tempo ver o lado bom da vida do que o ruim.

—JIMMY BUFFETT,
Tales From Margaritaville (Harcourt)

A educação vai além de encher a criança de informações. Na verdade, começa com perguntas.

—D.T. MAX no *New York Times*

Para mim, o prazer de ler não é ter uma tonelada de livros me esperando. É escolher um dentre milhares, levá-lo para casa como um recém-nascido e saber que tenho todo o tempo do mundo para saborear cada palavra e todos os momentos.

—NATHALIE PETROWSKI no *La Presse*

O amor é um grande destruidor da paz de espírito.

—SUSAN CHEEVER,
As good as I could be (Simon & Schuster)

Quem disse?

“Não sou tão assediada assim. Acho que já passei da idade.”

- a) Tônia Carreiro
- b) Ana Paula Arósio
- c) Scheila Carvalho
- d) Vera Fischer

—VEJA A RESPOSTA ABAIXO

b) Ana Paula Arósio, no jornal *O Dia*

Todos estamos matriculados na escola da vida, onde o mestre é o tempo.

—CORA CORALINA, citada por
MARINA COLASANTI em
De mulheres, sobre tudo (Ediouro)

O agradecimento faz o outro se sentir importante e cria a consciência de pertencer a um grupo.

—ROBERTO SHINYASHIKI,
Os donos do futuro (Editora Gente)

Prefiro trabalhar com quem é bom no que faz mas não gosta de mim, do que com quem me adora mas é incompetente. —SAM DONALDSON